

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS POLÍTICAS
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ANA BEATRIZ DIAS BENTO

**“NOTAS SOBRE EXPLORAÇÃO SEXUAL E CULTURA DE
VIOLÊNCIA NA GUERRA DO KOSOVO”**

São Paulo

2015

ANA BEATRIZ DIAS BENTO

**“ NOTAS SOBRE EXPLORAÇÃO SEXUAL E CULTURA DE
VIOLÊNCIA NA GUERRA DO KOSOVO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Cristina Garcia

São Paulo

2015

*“O rio fica lá, a água é que correu
Chega na maré, ele vira mar
Como se morrer fosse desaguar
Derramar no céu, se purificar
Deixar pra trás sais e minerais
Evaporar”.*

(Evaporar, de Rodrigo Amarante)

Para a minha mãe, uma mulher forte,
que infelizmente não pode ver minha chegada ao fim deste ciclo.

AGRADECIMENTOS

À todos aqueles que direta e indiretamente me fizeram andar por esses caminhos, caminhos pelos quais eu quero continuar com esses passos meio cambaleantes e as vezes incertos.

Não sei à quem agradecer pelas bolsas de estudos que me permitiram estudar em duas grandes instituições – o Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, que com leveza confirmou que o meu lugar não era lá, e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que de um sonho distante transformou-se em um porto seguro, que mostrou-me um mundo que eu sempre quis conhecer.

À minha família, que mesmo não me dando muito apoio me provocou, me fez um desafio que acredito estar conseguido cumprir. Agradeço especialmente as meus irmãos, que hoje são a família que tenho, a Luiza, geniosa e inconstante, mas sempre presente, e ao Victor, meu oposto político.

Aos meus amigos, que com as mais diferentes frequências afetivas nunca me faltaram. Dos tantos que fiz ao longo da vida agradeço aquelas de longa data, que tem as histórias de vida entrelaçadas: Gisele, Jéssica, Júlia e Elisa – especialmente à Gisele, que nos últimos tempos mostrou-se presença indispensável. Agradeço os meus amigos que a vida acadêmica me trouxe, mentes inquietas e corações quentes: Aline, Ralph, Natália e tantos outros. Aos que a vida apresentou de forma despreziosa, como, Priscila, Guilherme, Flávio, Break e os meus companheiros de carona, e a Rosângela, minha irmã mais velha.

Agradeço também ao Guilherme e a Fhoutine. Ambos mudaram a minha vida indelevelmente, me mostraram que mesmo com inúmeras dificuldades existe um outro lado desse mundo, um mundo com muito amor e anarquia.

À todos os professores que me inspiraram, todos os filmes vistos, músicas ouvidas, textos perdidos, coisas que não sei o nome.

À minha orientadora Carla Cristina Garcia, que tem feito muitas pessoas terem força e brilho nos olhos diante dos desafios acadêmicos e cotidianos. Desde a primeira troca de emails ela “abraçou” esta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso pretende analisar alguns pontos de atenção acerca da Guerra do Kosovo que teve seu ápice em 1999, juntamente com a Intervenção das forças da OTAN. Passando por uma breve reconstituição histórica do conflito balcânico, e posteriormente com a exploração de temas frequentes nas Relações Internacionais, como violências e relações de dominações, pretende-se fazer uma análise sob a ótica feminista a estas relações e o quadro de exploração sexual.

Palavras chave: Intervenção Humanitária, Kosovo, OTAN, Violências, Violência Sexual.

ABSTRACT

This article intends to analyse some attention points about the Kosovo War, which had their apices at 1999, with the Intervention of the forces from NATO. Going through a historical reconstitution of the balkanic conflict, and latter with the exploration of recurrent themes in the International Relations, as the violence's and domination relations, it intends to do a analysis under a feminist view to this relations and the sexual explorations cases.

Keywords: Humanitarian Intervention, Kosovo, NATO, Violence's, Sexual Exploration

INTRODUÇÃO

“É bom rezar todo dia, fera, pra gente nunca virar alvo de uma intervenção humanitária aliada”

(Mundo Livre SA – Super Homem Plus)

Historicamente a região zona dos Bálcãs é conhecida, e objeto de estudo devido seu caráter belicoso e conflituoso. A região passou por diversas configurações territoriais, desde as muitas divisões entre impérios, que culminaram na dominação Turco-Otomana, até finalmente seu pertencimento mais contemporâneo à então Iugoslávia. Neste complicadíssimo caldeirão multiétnico, o Kosovo ganha destaque devido tamanha peculiaridade e também pela guerra de grandes proporções que marcou o cenário internacional na década de noventa e nos anos dois mil.

A guerra do Kosovo, que atingiu seu ápice com a intervenção, dita “humanitária”, pelas forças da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) em março de 1999, teve o seu desenrolar por décadas a fio. O conflito só foi controlado pela bem sucedida unificação, viabilizada no governo socialista de Tito, que com a Constituição de 1974 tornou possível o gozo de considerável “pacificação artificial”¹, além de um alto grau de autonomia e autogestão no País. As políticas de Tito, porém, foram de extrema importância, sobretudo para a população albanesa Kosovar por representar a “reversão das políticas discriminatórias de colonização Kosovo por sérvios e da supressão da língua albanesa na educação e nos cultos religiosos.”² Contudo as disputas nacionalistas e étnicas entre sérvios e a maioria albanesa local foram retomadas com força total no período pós segregação iugoslava, logo após a morte de Tito.

A década de 90 foi um marco sangrento na região, além das guerras e conflitos separatistas em países vizinhos, como Eslovênia e Bósnia. Os Bálcãs foram palco da limpeza étnica idealizada e levada a cabo pelo então presidente da Sérvia, Slobodan Milosevic, sob o nome de “Operação Ferradura”, que tinha por objetivo - depois da

¹ A pacificação pode ser considerada artificial já que foi atingida pela homogeneização dada por via de um Estado nacional, como aborda Passeti (2003, p. 77) : “(o Estado nacional) É um pacificador artificial da suposta violência original, representando, por meio da espetacularização da política, uma cultura nacional. Contudo, a cultura que predomina em um Estado nada mais é do que a afirmação da superioridade de uma cultura oficial sobre as demais, tradicionais ou não, incluindo-se aí diferenças raciais, étnicas e religiosas.”

² ALENCAR, Kennedy. *Kosovo: A guerra dos covardes*. São Paulo: DBA, 1999. p. 27.

erradicação da população albanesa residente no Kosovo, a criação da Grande Sérvia, um ideal radical nascido na Sérvia, berço balcânico do nacionalismo cujas manifestações deram-se logo após a Revolução Francesa.

Devido à constante situação violenta e conflituosa entre sérvios e albaneses, diversos órgãos e instituições internacionais mantiveram atividades na região a fim de diagnosticar situações que saíssem da aceitável curva, tanto em índices de mortes e agressões, como em indicadores de deslocamento populacional.

“No período entre 1993 e 1997, apesar de uma série de resoluções das Nações Unidas, apenas as organizações não governamentais Anistia Internacional, *Human Rights Watch*, *Mercy Corps*, *Humanitarian Law Foundation* e a Cruz Vermelha Internacional monitoravam a situação dos direitos humanos na província.” (ALENCAR, 2004, p. 65.)

A OSCE (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa) manteve observadores que permitiram a formulação de vários relatórios, nos quais, desde 1997, ano de eleições, os indicadores revelaram uma situação altamente preocupante. Os agravos dos índices de violência foram dados de um lado pelo sucesso de um processo de limpeza étnica, de outro pela resposta rápida do grupo guerrilheiro. Um verdadeiro “espiral de violência”, segundo França (2004, p. 113), posteriormente acrescenta-se à isto a assimetria dos bombardeios e missão da OTAN.

Além do quadro de disputa étnica e cultural, o Kosovo desperta questões importantes, antes marginalizadas, no que diz respeito ao estudo de guerras e conflitos armados. O conflito caracteriza-se como uma “nova guerra”³, ou seja, um novo tipo de violência organizada, nela torna-se mais difícil a diferenciação e pronta distinção entre atores e agentes e o objetivo geral (em escala privada ou estatal), além da larga violação dos direitos humanos. Nessas novas guerras:

“os principais atores ou protagonistas da violência dificilmente se distinguem da população civil e envolvem uma enorme diversidade de grupos – unidades paramilitares, senhores da guerra, facções criminosas, grupos de mercenários, forças da polícia, mas também exércitos regulares, incluindo unidades dissidentes de exércitos.” (MOURA, 2005, p. 31.)

³ O conceito de novas e novíssimas guerras é amplamente discutido por Mary Kaldor e Tatiana Moura. De forma pioneira, Kaldor faz a definição do conceito desses novos tipos de conflitos violentos, nos quais a Guerra do Kosovo pode ser incluída.

Em adição ao caráter de “nova guerra”, a Guerra do Kosovo incita o estudo sobre outras questões, tais como a própria intervenção, que recebeu o nome de “guerra humanitária”, partindo de uma interferência militar que desafiou as resoluções do Conselho de Segurança da ONU⁴. Além do exercício de reflexão acerca de soberania e legalidade, a Guerra do Kosovo desperta a atenção para questões sistemáticas amplas, como a do patriarcado e do Estado, que dão o suporte necessário para a disseminação perigosa de ideias e práticas violentas, como opressão de grupos e minorias pautados na intolerância autoritária.

A intolerância é uma grande força motriz para a manutenção e perpetuação do conflito, seja em Guerra declarada, seja no cotidiano kosovar. Essa força parte de diversos lados e atinge diversas escalas – vai do micro ao macro, e não deixa nenhum indivíduo alheio, como dito é uma condição sistemática, de uma sociedade em rede e de uma sociedade de diplomacia, onde é dada a “guerra entre uniões de Estados de um lado e, de outro, guerras que pleiteiam o estatuto de Estado-nação por parte de etnias que pretendem afirmar suas especificidades.”⁵ Em acréscimo a questão puramente étnica, temos também questões de caráter cultural e religiosos que são fatores extras de confronto - mesmo dentro dos dois grupos dominantes existem variações étnicas, culturais e religiosas.

As disputas territoriais e por hegemonia pela então região autônoma do Kosovo deram-se entre as forças sérvias, sobretudo a polícia e oficiais paramilitares, e o grupo guerrilheiro albanês ELK, Exército de Libertação do Kosovo. A região foi secularmente reivindicada pelas duas etnias predominantes, e “embora os sérvios considerem Kosovo o berço de sua identidade nacional, os albaneses também habitam a província há séculos”⁶, em suma: é provável que as reivindicações perdurem, principalmente por fazerem parte de uma construção cultural e social que identifica o “outro” como um inimigo eterno, um usurpador da “sua” terra.

Essa visão maniqueísta entre vilões e vítimas é um componente essencial para o entendimento da cultura de violência local e a manutenção dessa força coercitiva, dessa expressão violenta que devido à construção social e cultural passa a ser quase que naturalmente justificada. Essa força é uma pulsão, mas também resultado de uma

⁴ As resoluções do Conselho de Segurança da ONU de números: 1160, 1199 e 1203, todas do ano de 1998 enfatizam as atrocidades decorrentes da situação de violência, contudo vetam a intervenção militar.

⁵ PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 30.

⁶ ALENCAR, Kennedy. *Kosovo: A guerra dos covardes*. São Paulo: DBA, 1999. p.31.

obediência e submissão, submissão essa que garante a manutenção desse maniqueísmo que demoniza o outro, que culmina em militarismo, este por sua vez, para permanecer vivo “necessita constantemente de energia suplementar; eis por que ele buscará sempre um inimigo ou, em sua ausência, criará um artificialmente”⁷. Constata-se, sob uma ótica feminista da análise de violência dentro de conflitos que o patriarcado também é viabilizador desta legitimação:

“Esta cultura legitima o adversarialismo e a diabolização do(a) outro(a). É legitimada pelo patriarcado, perpetua a dominação, a luta pelo poder, o militarismo, o etnocentrismo e é reprodutora de estruturas que perpetuam a injustiça.” (MOURA, 2005, p. 83)

No caso Kosovo este inimigo é mítico, perpetuado e perseguido, Milosevic se aproveitou dessa forte construção, através da pauta nacionalista e patriótica, que como Emma Goldman (2004, p. 60.) afirma é “um princípio que justifica a instrução de indivíduos que cometerão massacres em massa”. Temos então militarismo e patriarcado em alinhamento com a perpetuação das relações de poder e de dominação desiguais e hierárquicas.

A violência no Kosovo se manifestou das mais diferentes formas e nas mais diversas escalas, um conflito em que infelizmente foi possível presenciar todos os tipos de abuso. As violências, sobretudo nacionalistas⁸ tem esse caráter: elas pressionam o espaço social e íntimo, gerando determinantes e influenciadores das manifestações violentas, o que no *case* Kosovo resultou em violações dos direitos humanos, buscas ilegais, destruição de residências, massacres e abusos físicos – neste ponto o caráter sexuado da guerra se exalta, as mulheres tornam-se alvos, objeto de dominação para um sistema de opressões onde o estupro é considerado arma de guerra,⁹ como afirma Goldstein, “as formas de guerra mudam ao longo dos tempos, mas o seu caráter sexuado não”.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os componentes que estão envolvidos nas questões de violência e desenvolvimento do conflito. Por se tratar de uma “nova

⁷ GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, a Sociedade e o Estado, e outros ensaios*. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2007. p. 56.

⁸ Xavier Crettiez, cientista político e pesquisador na Universidade de Versailles, explana sobre o assunto em seu livro “As formas de violência”, publicado no Brasil em 2011.

⁹ Os estupros são vistos como armas de guerra desde a Antiguidade, foram relatados inclusive na Bíblia em passagens como Zacarias 14:02 e Isaías 13:16. Com base em uma larga utilização em conflitos contemporâneos tornaram-se reconhecidos pela Convenção de Genebra.

guerra” serão analisados seus agentes de violência e suas manifestações, com a especial atenção para as questões de gênero envolvidas nestas manifestações. A análise tem o intuito de percorrer um caminho em que seja possível analisar a junção de patriarcado e Estado, como viabilizadores da violência e detentores de um monopólio legitimado de uso dessa violência, a fim de manter as relações de dominação e poder.

AGENTES DE VIOLÊNCIA

“O individuo e a sociedade tem travado uma sangrenta e encarniçada batalha durante eras, cada qual lutando pela supremacia, pois cada qual estava cego ao valor e a importância um do outro.”

(Emma Goldman – Anarchism and others Essays)

Os agentes de violência que protagonizaram a Guerra do Kosovo podem ser fixados em três grandes eixos: o maniqueísmo histórico de sérvios e albaneses, mas também o acréscimo da OTAN, força externa interventora. Dentro desses três eixos temos ramificações, especificidade que confere o caráter de “nova guerra” ao conflito, temos então uma multiplicidade de agentes violentos e de violência.

A condição para a existência desse quadro é de caráter variável, suas reivindicações e práticas são bastante diferenciadas, porém é de extrema importância notar que todos eles, sem exceção, fazem parte de um sistema opressor que tem como principal objetivo garantir um monopólio legitimado de violência e manter as relações de poder hierarquizadas, o sistema de guerra garante lucros e a saúde do Estado.

“A guerra passou a ser o meio para a grande paz, conquistada pelo pensamento moderno, racional, colonial, belicista e científico. A guerra deixou de ser preponderantemente religiosa, de corpo-a-corpo, para ser redimensionada como marca da civilização ocidental na continuidade que pretende dizimar ou subalternizar pessoas, povos, Estados, em nome da superioridade de um povo, religião, grupo ou classe. A guerra é a santa saúde dos Estados, portanto, é fortalecendo a paz que se avizinha nova guerra.”

(PASSETTI, 2003, p. 244)

Não só uma questão de saúde Estatal e a manutenção das relações de poder, a guerra é, como nota Proudhon, uma situação do homem, ele borra “a distinção entre guerra e paz chamando a atenção para a política como *petite guerre*, guerra continuada e insuperável na política.”¹⁰ Nessa condição, em específico no caso balcânico da Guerra do Kosovo o estudo dos atores é essencial. Eles representam e apresentam pontos fundamentais para uma análise do quadro, para o entendimento de um conflito *sui*

¹⁰ RODRIGUES, Thiago Moreira de Souza. *Guerra e política nas relações internacionais*. (Tese de Doutorado). São Paulo: PUC-SP, 2008. p. 15.

generis que marcou uma década, mas a também ruptura dos padrões westphalianos, consolidou um novo modo de se fazer guerra, de se fazer política.

Os agentes apresentam características bem específicas em suas ações e políticas, nessas características temos evidenciadas as relações de poder e de dominação. Todo o quadro é extremamente hierarquizado, buscando a centralização em uma tendência a concentração e controle – um Estado reconhecido, um grupo guerrilheiro e uma força externa que desafia a soberania. Todos os agentes em busca de uma ordem baseada na submissão do outro, em uma lógica de interesses que tem como finalidade a alteração dos privilegiados, porém não dos privilégios. Dados então: sérvios, ELK e OTAN.

*

Sérvios

A Sérvia passou a ser considerada o agente de violência desencadeador do conflito, e o então presidente, Slobodan Milosevic¹¹, apontado como o grande responsável pelos milhares de civis mortos por crimes de guerra¹². Milosevic, que posteriormente foi indiciado com outros governantes sérvios no Tribunal de Crimes de Guerra¹³, em maio de 1999, estava à frente do país desde 1987. Um verdadeiro homem da política, Milosevic utilizou a sua posição de presidência da Liga Comunista Sérvia como trampolim para a presidência do país, uma vez no poder, deu atenção aos clamores nacionalistas, sua agenda compatível foi posta em prática desde o início – regiões tiveram suas autonomias perdidas, dentre elas o Kosovo, grupos de outras etnias passaram a ser sistematicamente perseguidos,

“a repressão política que se seguiu à perda da autonomia do Kosovo foi dura. Vários membros da elite albanesa, - intelectuais, empresários e mesmo autoridades do Governo da província – foram presos arbitrariamente, deixados sem acesso a advogados e muitos confinados em solitárias.”
(FRANÇA, 2004, p. 41)

¹¹ Slobodan Milosevic nasceu na Sérvia em 1941, todo o núcleo central de sua família teve a vida entrelaçada com a política, sua mãe inclusive era membro ativa do Partido Comunista. Faleceu em 2006, na cidade de Haia, encarcerado na Prisão de Criminosos de Crimes de Guerra, vítima de problemas cardíacos.

¹² Crimes de Guerra são aqueles violam a Convenção de Genebra, que é considerada a base dos direitos humanitários internacionais, por definir os direitos e deveres de indivíduos que vivem situações de guerra, seja combatente ou não.

¹³ Foi preso também pelo Tribunal Penal Internacional para a antiga Iugoslávia, estabelecido pela resolução de número 827 do Conselho de Segurança da ONU, para julgar os crimes de guerra recorrentes dos conflitos na segregada Iugoslávia.

Essa mesma política violenta e radicalmente nacionalista implementada por Milosevic, não apenas em Kosovo, mas em países vizinhos, tais como Croácia e Bósnia fez com que conflitos separatistas eclodissem. As atrocidades tinham caráter semelhante, em muito por fazer parte de um mesmo plano de limpeza étnica, a fins de alcançar o sonho totalitário da “Grande Sérvia”, um “revival da raça pura”¹⁴. Os “Demônios dos Bálcãs”, os sérvios, com seus planos de hegemonia étnica seriam os culpados pela guerra da Bósnia e pela dissolução da antiga Iugoslávia”¹⁵, e isso foi possível devido às forças violentas, principalmente, a polícia e as unidades paramilitares.

A polícia sérvia¹⁶ durante o período do conflito estava sobre o comando de Vlastimir Djordjevic¹⁷, que ocupava a posição de ministro de assuntos e interiores e também chefiava a pasta de segurança pública, responsável pelas forças policiais. A polícia sérvia manteve durante todo o conflito sua fidelidade à Milosevic ao invés das forças armadas, e foi acusada de cometer as maiores atrocidades, mantendo-se na linha de frente da repressão no Kosovo.

As forças policiais sérvias contavam com uma artilharia pesada, o que favoreceu em muito as práticas violentas contra a população albanesa no Kosovo. Os ataques eram praticados dos mais diferentes modos, mas sempre com o objetivo de manter os albaneses longes, expulsar da terra, e em consequência extremada elimina-los.

Os crimes cometidos iam desde perseguição com pretexto político nas regiões centrais, como Pristina e Prizen, onde a concentração de uma elite econômica e intelectual albanesa era mais notável, até a queima de casas na área rural e pobre do Kosovo. A intenção era atingir todos os albaneses kosovares, não existia uma rede de privilégios que imunizassem alguns, era uma caça motivada pelo nacionalismo e agravada pela falta de ética e de valores humanitários.

A associação entre polícia e grupos paramilitares¹⁸, entre eles os Tigres de Arkan, grupo paramilitar nascido em Belgrado nas arquibancadas que sustentavam as

¹⁴ PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 51.

¹⁵ ALENCAR, Kennedy. *Kosovo: A guerra dos covardes*. São Paulo: DBA, 1999. p.22.

¹⁶ Em sérvio, *Policija*.

¹⁷ Djordjevic foi julgado pelo Tribunal Penal Internacional para a Antiga Iugoslávia, sendo sentenciado em fevereiro de 2011 a uma pena de 27 anos de reclusão sendo considerado responsável por “*the murder of 724 ethnic Albanian civilians and for the deportation and forcible transfer of at least 200.000 people in 1999. He was also convicted of persecution for acts of deportation, forcible transfer, and destruction of property culturally or religiously significant to Kosovo Albanians*”, como relata a jornalista Rachel Irwin para o *Institute for War & Peace Report* em 17 de maio de 2013.

¹⁸ Podem ser considerados grupos paramilitares todos aqueles que são associações civis formados por membros armados, que com táticas policiais ou militares buscam atingir objetivos de cunho políticos

torcidas violentas de times de futebol, neste caso o Estrela Vermelha¹⁹, comandado por Zeljko Raznatovic²⁰, conhecido como Arkan, que,

“no começo de 1999, foi indiciado pelo Tribunal de Haia por crimes que teria cometido na Croácia e na Bósnia. A ONU investigou assassinatos e expulsões de civis na cidade de Vukovar, na Croácia, em 1991. As atrocidades teriam sido cometidas pelos “Tigres da Sérvia”, unidade paramilitar liderada por Arkan. Os Tigres também são acusados de ter torturado, matado e mutilado muçulmanos na Bósnia em 1992.” (ALENCAR, 1991, p. 111)

A tradição violenta da unidade paramilitar central manteve-se nos mais diversos grupos em que esteve presente, às populações de outras etnias senão a sérvia só trouxe desgraça e abusos. A brutalidade com que os ataques se deram era assustadora, relatos albaneses e de observadores como os da Anistia Internacional coincidiam sobre as manifestações de violência, tais como assassinatos, estupros, tortura e incêndio em residências de albaneses, sobretudo na área rural, onde eram capazes de distinguir as casas, devidas suas especificidades arquitetônicas de influência albanesa.

Além do treinamento de caráter militar, proporcionado pelas forças oficiais, os membros paramilitares passavam por um “treinamento psicológico”²¹, em objetivo de obter sucesso em suas missões criminosas e garantir a sobrevivência individual e a unidade do grupo.

“Serb recruits were taught that in fighting the enemy, they had no right to spare children, women, or the aged... Young soldiers were also forced to watch torture, gang rape, and killings and forced to participate. “To refuse was to risk death.” (SELLS, 1996, p. 75.)

Além da falta de ética e a “banalidade do mal”²², outro fator de grande importância era o equipamento pesado dos quais dispunham. Armas de alta tecnologia e de poder intimidador evidenciavam o tamanho grau repressivo do regime sérvio no

partidários, religiosos ou ideológicos. Em alguns casos, como na Guerra do Kosovo alguns de seus membros também faziam parte das forças regulares estatais.

¹⁹ Tradução feita por Alencar, 1999, p.110, em sérvio temos *Crvena Zvezda*.

²⁰ Assassinado em janeiro de 2000, foi acusado de muitos crimes, dentre eles contrabando de petróleo e responsabilizado pelos crimes contra a humanidade na Croácia e na Bósnia.

²² Banalidade do Mal como a relatada por Hannah Arendt em “Eichmann em Jerusalém”, que significava em suma no holocausto “nada mais que prestar obediência as ordens do Fuher” em Arendt, p.70)

Kosovo, nos depoimentos de milhares de albaneses que conseguiram cruzar a fronteira antes de serem mortos “os policiais e os paramilitares são apontados como os maiores responsáveis pelo “serviço sujo”: expulsar e matar civis de origem albanesa”.²³

A campanha de barbaridades parecia ser ainda maior e mais violenta nas áreas em que o ELK mantinha suas operações. Eles eram mais agressivos com a população, conheciam mais sobre os guerrilheiros e queriam acabar com as forças rebeldes, em relatório de procedência húngara inclusive dizia-se que “o objetivo das forças armadas sérvias era destruir o ELK, e não expulsar toda população albanesa”, mas isso representa uma inverdade já que, segundo dados, “a Sérvia atacou o Kosovo para esmagar o movimento guerrilheiro separatista albanês, mas matou dez mil civis e empurrou 700 mil pessoas para refúgios na Macedônia e na Albânia”. Tal quadro nutria as disputas e a necessidade de uma resposta por parte dos albaneses.

Albaneses

O lado albanês que foi opositor as forças sérvias centra principalmente no grupo guerrilheiro, o ELK (Exército de Libertação do Kosovo), que chegou inclusive a ser denominado como grupo terrorista pelo governo norte americano no ano de 1998²⁴. Além das declarações do então presidente, Bill Clinton, o Conselho de Segurança das Nações Unidas, através da Resolução 1160, de 31 de março de 1998, expressa que:

“Condemning the use of excessive force by Serbian police forces against civilians and peaceful demonstrators in Kosovo, as well as all acts of terrorism by the Kosovo Liberation Army or any other group or individual and all external support for terrorist activity in Kosovo, including finance, arms and training”.

O ELK surgiu no início da década de 90²⁵, como um grupo albanês de caráter separatista. Suas atividades espalham-se por toda a Iugoslávia, com ações antigovernamentais e sobretudo como uma resposta aos atos de violência por parte dos sérvios. Inicialmente a ação do grupo centrava-se em sabotagens a postos da força

²³ ALENCAR, Kennedy. *Kosovo: A guerra dos covardes*. São Paulo: DBA, 1999. p. 72.

²⁴ Em entrevista para a Revista Fórum, o professor de Relações Internacionais Reginaldo Mattar Nasser, trabalha com o conceito de terrorismo e grupos terroristas. Por terrorismo temos “um ato de violência que provoca temor generalizado nas pessoas, e aparece mais como tática de ação política. Ou seja, é um meio para atingir algum fim, e, por vez, têm sido utilizado por organizações.”, essas organizações podem ter seus atores em variável, ou seja, tanto por um grupo não estatal tanto quanto pelo estado.

²⁵ Os primeiros relatos acerca do ELK datam de 1992, na Macedônia. Em 1996 o ELK “apareceu”, reivindicando a autoria de uma série de atos de sabotagem à polícia sérvia.

policial sérvia. Com o desenrolar do conflito as ações e práticas foram tornando-se rapidamente mais cruéis e “civis sérvios eram sequestrados e assassinados”²⁶, ainda assim as ações eram assimétricas, “os estragos e arbitrariedades que as tropas sérvias produziam eram maiores e mais aparente, seja pelo poder militar superior e até pelo tipo de conflito que enfrentavam, com um inimigo muitas vezes invisível”²⁷.

A tática guerrilheira exercida pelo ELK contava com as vantagens de uma alta mobilidade e conhecimento do terreno – a proteção de muitos vilarejos era efetiva e o poder de resposta potencializado, mesmo com inferioridade de armamentos disponíveis. Em 1998, pouco antes dos bombardeios da OTAN o ELK já “ocupara mais de 40% da província, provocando uma reação feroz das forças de segurança e dos paramilitares sérvios, que atingiu civis suspeitos de apoiarem os guerrilheiros”²⁸.

O apoio popular dos albaneses em relação ao ELK era tanto que se tornaram as únicas forças terrestres a combater as forças sérvias, tanto as policiais quanto as paramilitares. O orgulho de pertencer à guerrilha era tamanho, para as famílias albanesas era uma honra que seu entes queridos fossem combatentes, inclusive as mulheres²⁹. A luta era pelo povo albanês, pela terra de uma nação sem um território, já que “apesar de os albaneses serem maioria em Kosovo, o governo iugoslavo sempre deixou claro, usando ou não a força, que aquela terra é sérvia”.³⁰

Mesmo com a resposta espiralada e rápida da guerrilha albanesa, o número de albaneses que deixaram o Kosovo com o objetivo de retornar para sua “pátria mãe” é extraordinariamente grande. Segundo dados do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), “ao menos 262 mil pessoas do Kosovo buscaram refúgio na Albânia de março até o início de abril de 1999, e esses números posteriormente cresceram para mais do que 400 mil”³¹.

²⁶ FRANÇA, Paulo Roberto Caminha de Castilhos. *A Guerra do Kosovo, a OTAN e o conceito de “Intervenção Humanitária”*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 76.

²⁷ Ibidem. p. 76.

²⁸ CHOMSKY, Noam. *Uma nova geração define o limite: os verdadeiros critérios das potências ocidentais para suas intervenções militares*. Tradução: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 118.

²⁹ No livro de Keneddy Alencar, “Kosovo: a guerra dos covardes” existe um relato de uma jovem que mantinha uma posição de autoridade dentro do grupo guerrilheiro, a moça era conhecida por seus companheiros como Shota, em homenagem a guerreira albanesa que combateu sérvios por 12 anos durante o século passado, hoje, Shota Galica é reconhecida como uma heroína albanesa por lutar pela libertação do Kosovo e por ideais de democracia.

³⁰ ALENCAR, Kennedy. *Kosovo: A guerra dos covardes*. São Paulo: DBA, 1999. p. 74.

³¹ Tradução da autora para “at least 262,000 people from Kosovo took refuge in Albania from March to the beginning of April 1999, and their numbers subsequently grew to over 400,000”, extraído da matéria “Kosovo and Albania Mark Anniversary of 1999 Exodus” por Edona Peci para o Balkan Insigth de 14 de abril de 2014.

O ELK estava completamente inserido na comunidade albanesa do Kosovo, além de combater as forças sérvias realizavam medidas um tanto quanto autoritárias e policiaescas, constantemente vigiando “a comunidade albanesa e aplicando castigos aos acusados de colaborar com os sérvios”³². A violência característica do grupo estava introjetada na própria comunidade que defendia - uma política de terror em diversas escalas busca constante por autoridade e soberania, além da manutenção das hierarquias de poder.

A busca do ELK por soberania atingiu uma escala surpreendentemente positiva para o grupo. Após o final dos bombardeios da OTAN, e um falso apaziguamento das forças sérvias, o ELK passou a ter o controle oficial das forças policiais no Kosovo. A tomada da cidade de Prizren em 16 de junho de 1999 possibilitou que de guerrilheiros os membros tornassem-se polícias. A reação da comunidade sérvia local foi das piores, o medo agora possuía uma lógica invertida, a manutenção do revanchismo mostrava-se efetiva. Relatos recolhidos por Alencar (1999, p. 184) deixavam claro o tamanho do pesadelo sérvio e a previsão da resposta vingativa.

“Quanto culpar a crise no Kosovo apenas à repressão realizada pelo Governo sérvio na década de 90 é, como vimos antes, um argumento que atenta contra qualquer exame mais sério do tema. A responsabilidade do ELK na exacerbção do conflito é evidente e fazia parte da própria estratégia adotada pelo grupo guerrilheiro para provocar uma intervenção externa. Ademais, a limpeza étnica, que era um dos motivos alegados para a intervenção, hoje ocorre no sentido inverso, provocada pelo próprio ELK, segundo a imprensa do Kosovo.” (ALENCAR, 1999, p. 141)

O “fim” do conflito só exaltou a “sede de vingança dos albaneses em relação aos sérvios. Um mês após a chegada da OTAN, morreriam em média trinta pessoas por semana, quase sempre em conflitos entre as duas etnias”³³. A vocação e o papel como ator e agente de violência do grupo guerrilheiro se comprovou. Além das motivações separatistas havia algo que não poderia ser ignorado: uma cultura de violência secularmente construída, uma rivalidade histórica entre etnias.

³² CHOMSKY, Noam. *Uma nova geração define o limite: os verdadeiros critérios das potências ocidentais para suas intervenções militares*. Tradução: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 123.

³³ ALENCAR, Kennedy. *Kosovo: A guerra dos covardes*. São Paulo: DBA, 1999. p. 177.

Agentes Externos – OTAN e K-FOR

Em acréscimo aos agentes de violência já existentes no Kosovo secularmente, o conflito e a limpeza étnica tiveram como resposta da comunidade internacional, sobretudo os membros da OTAN³⁴, a intervenção dita humanitária, iniciada pelos bombardeios aéreos em março de 1999.

A OTAN nasceu em 1949, em tese com o objetivo de garantir a segurança e liberdade dos países membros, seja por vias políticas ou militares, baseados em preceitos neoliberais,

“In fact, the Alliance’s creation was part of a broader effort to serve three purposes: deterring Soviet expansionism, forbidding the revival of nationalist militarism in Europe through a strong North American presence on the continent, and encouraging European political integration.” (in: <http://www.nato.int/history/nato-history.html>)

Mesmo baseada em preceitos de liberdade e segurança a OTAN, em sua intervenção no Kosovo mostrou-se no mínimo contraditória. A questão da legalidade e legitimidade da intervenção é questionada por estudiosos do Direito Internacional até os dias de hoje. Seu “desacato” as resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas abriram precedentes para outros quadros semelhantes de desrespeito à soberania. O especialista britânico em Relações Internacionais, Michael MccGwire³⁵, em discurso chegou a discorrer sobre a atitude da OTAN, em que

“o mundo viu uma aliança político-militar assumir o papel de juiz, júri e verdugo (...) e dizer que age em defesa da comunidade internacional e está pronta para ignorar a ONU e contornar a lei internacional para impor seu próprio julgamento. O mundo viu uma organização dedicada à retórica moralista, não menos econômica com a verdade do que outras de sua espécie, um grupo de países ocidentais dotados de uma capacidade inigualável de matar, mutilar e destruir, e militado apenas pela hesitação de pôr seus “guerreiros” em risco.” (CHOMSKY, 2000, p. 14.)

³⁴ Os principais países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte são: Bélgica, Canadá, República Checa, Dinamarca, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Islândia, Itália, Luxemburgo, Holanda ou Países Baixos, Polônia, Noruega, Portugal, Espanha, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos.

³⁵ Michael MccGwire é especialista nas dinâmicas políticas decorrentes do período da Guerra Fria. É professor na *Dalhousie University*, na cadeira de Estudos Estratégicos.

A ação da OTAN foi fortemente criticada pela comunidade internacional, levantou-se inclusive a ideia de que a intervenção seria uma comemoração, um ato de autoafirmação e demonstração de poder de uma organização que estava celebrando seus 50 anos, em uma confirmação óbvia de que os EUA são a “polícia do mundo”, como Goldman já dizia antes da Segunda Guerra Mundial: “a América sustenta preparar-se para a paz, mas, na realidade, a preparação militar provocará a guerra”³⁶.

A intervenção dita humanitária acarretou mais prejuízos do que tentativas de solucionar um problema estrutural. Os bombardeios foram muitos desproporcionais à luta que era travada em terra por sérvios e albaneses, as operações militares não pareceram ser planejadas para obstruir a limpeza étnica em curso, pelo contrário,

“Apesar da justificativa de intervir em nome dos direitos humanos, a Otan se preocupava sobretudo com a segurança de seus soldados. O drama dos albaneses se tornava claramente secundário. O fato de que os “corajosos” líderes aliados descartavam desde o início a hipótese de enviar tropas terrestres a Kosovo deu a Milosevic a confiança e a certeza de que poderia fazer o que bem entendesse. E foi o que fez: acelerou a limpeza étnica e assassinou civis albaneses, os quais passaram a ter de se preocupar ainda com a pontaria da Otan.” (ALENCAR, 1999, p. 119)

Os ataques aéreos trabalhavam com o conceito de “*zero casualties*”, trabalhando para que a baixa entre soldados beire níveis de inexistência, em contra partida o número de civis correspondem a 90% dos mortos. Além do altíssimo número de mortos, de estruturas destruídas, o bombardeio só contribuiu como fator adicional para o descolamento de moradores, “relatório da OSCE mostra que 46% dos albaneses deixaram o Kosovo durante o bombardeio, junto com 60% de sérvios e montenegrinos.”³⁷, a OTAN só multiplicou os problemas já existentes.

Com o fim dos bombardeios, 79 dias depois, em 3 de junho de 1999, a OTAN daria início a sua maior operação por terra em cinquenta anos de existência, as forças da K-FOR (Forças de Paz do Kosovo) “embora compostas quase totalmente de tropas da OTAN, tinha a chancela da ONU”³⁸, “sem prazo para sair de Kosovo, uns 50 mil

³⁶ GOLDMAN, Emma. *O Indivíduo, a Sociedade e o Estado, e outros ensaios*. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2007. p. 55.

³⁷ CHOMSKY, Noam. *Uma nova geração define o limite: os verdadeiros critérios das potências ocidentais para suas intervenções militares*. Tradução: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 129.

³⁸ ALENCAR, Kennedy. *Kosovo: A guerra dos covardes*. São Paulo: DBA, 1999. p. 156.

homens (18 mil já no primeiro momento) ocuparam as cinco zonas em que a província foi dividida. Cada zona teve um país da OTAN no comando³⁹,⁴⁰.

Com as tropas em terra os problemas pareciam se multiplicar numa velocidade surpreendente, “a “intervenção humanitária” no Kosovo é uma das expressões do fracasso, pois contribuiu para gerar mais pobreza e para acirrar ainda mais os ódios interétnicos”⁴¹, além dos abusos dados por parte das K-FOR, em que denúncias relatam violência sexual e coparticipação em crimes de disputa étnica,

“ademais, surgiram os primeiros casos de câncer nas tropas da KFOR, provocados, alega-se, pela exposição ao “*depleted uranium*” de algumas munições usadas na guerra, ficou patente o tipo de humanismo que a OTAN praticou, para, teoricamente, prevenir uma catástrofe humanitária no Kosovo. A discriminação, a limpeza étnica e a violência, praticadas pelos sérvios, e que serviram de justificativa para a intervenção, ocorrem agora no sentido inverso, praticadas pelos albaneses (em relação à sérvios, ciganos, egípcios e outras minorias do Kosovo) sob o olhar impotente, e às vezes complacente, da KFOR.” (FRANÇA, 2004, p. 122)

Neste conflito a OTAN aparece e se mostra como mais um agente de violência. Em um primeiro momento a ideia de intervenção humanitária pode até parecer interessante, uma possibilidade de resolução e minimização de danos, contudo não foi este o quadro apresentado e que perdura até os dias de hoje. Mesmo com a declaração unilateral de independência do Kosovo em 2008 a região ainda permanece cheia de “*peacekeepers*” e “*peacebuildings*”, vestindo capacetes azuis que privilegiam a manutenção dos interesses capitalistas e estatais.

³⁹ O Kosovo foi dividido por 5 setores comandados por membros da OTAN, dos quais: Reino Unido, Estados Unidos, França, Itália e Alemanha.

⁴⁰ ALENCAR, Kennedy. *Kosovo: A guerra dos covardes*. São Paulo: DBA, 1999. p. 159.

⁴¹ FRANÇA, Paulo Roberto Caminha de Castilhos. *A Guerra do Kosovo, a OTAN e o conceito de “Intervenção Humanitária”*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 201.

UMA CULTURA DE VIOLÊNCIA

“Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado.”

(George Orwell – 1984)

A existência e manutenção de múltiplos atores e agentes de violência no conflito do Kosovo, só foram possíveis (e ainda são) graças uma cultura de violência, infelizmente muito bem estruturada, fruto de uma construção secular. Além da condição perfeita para a construção dos inimigos, dos “Outros”, o conflito e a cultura de violência são viabilizadores constantes de disputas de protagonismos e principalmente de poder, um caso constante de tentativas de dominação e consequente hierarquização extremamente opressora, que como fruto, permite que as massas cultivem uma “infinidade de egoísmos particulares e coletivos, de conflitos de interesses”⁴².

A rivalidade entre sérvios e albaneses, como dito, é histórica, nunca saberemos ao certo quem são os verdadeiros “donos” da terra, a presença das duas etnias remetem a tempos em que os Estado Nacionais não eram ao menos consolidados, o que dificulta e acirra os ódios interétnicos, as disputas territoriais e por uma hegemonia regional. Albaneses e sérvios brigam por tudo e em todas as esferas, a rivalidade foi fortemente construída e é baseada numa série de “violências”. A violência é, infelizmente algo também cultural.

Entenderemos como cultural tudo aquilo que é socialmente construído por um povo, uma produção em constante atualização, uma construção dinâmica e que vai se adequando as necessidades temporais, mas também algo que

“por definição coletiva e particular, provinciana, excludente de outras culturas, ao passo que – novo paradoxo – é o individuo que é universal, o local da universalidade, na medida em que se desprende e eleva acima de sua cultura particular.” (ZIZEK, 2014, p. 116).

No caso Kosovo, essa construção serviu principalmente para acirrar as disputas já existentes, à medida em que tanto uma quanto outra buscava essa “elevação”, mas serviu também para acrescentar fatores extras e externos, tais como os interesses norte-

⁴² COLOMBO, Eduardo. *Análise do Estado: O Estado como paradigma de poder*. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário-Nu-Sol, 2001. p. 25.

americanos e da aliança interventora – os “portadores” do Destino Manifesto⁴³. Por todos os cantos, para todos os agentes os objetivos eram semelhantes, e, sobretudo, estavam relacionados à disputa de poder (ou poderes), e “a análise do poder não deve ser antes de mais nada, e essencialmente, a análise dos mecanismos de repressão”⁴⁴.

Nessa disputa por poder, onde poder é visto segundo a concepção foucaultiana de que “o poder é a guerra, é a guerra continuada por outros meios”⁴⁵, uma inversão à máxima de Clausewitz⁴⁶, mas que mesmo inversa pode ser considerada complementar, como sintetiza Passetti, ao dizer que “é inevitável a guerra externa como política prolongada por outros meios (Clausewitz), tanto quanto a política como guerra (interna e externa) prolongada por outros meios (Foucault)”⁴⁷, pode ser comprovada no Kosovo – a guerra é vista, o conflito é uma condição permanente estopim, ou seja,

“as relações de poder, tais como funcionam numa sociedade como a nossa, têm essencialmente como ponto de ancoragem uma certa relação de força estabelecida em dado momento, historicamente precisável, na guerra e pela guerra.” (FOUCAULT, 2010, p. 15.)

As relações de poder, e todos os pontos de tensão do Kosovo, são extremamente favorecidos pela cultura de violência e suas manifestações - sejam simbólicas, estruturais ou subjetivas. São tanto as pulsões de cólera e ódio que buscam concretizações intensas, quanto a luta constante pelo controle legitimado das forças de coerção, deste monopólio legitimado da violência pelas vias do Estado, é como trata Proudhon, a disputa onde a “violência do mais forte que determinava o justo e o injusto, o legal e o ilegal”⁴⁸, e que serve de base para as relações “comando-obediência, de dominante a dominado”⁴⁹.

A disputa de violência foi levada então até as últimas consequências e aliada a elementos nacionalistas e étnicos; é esta violência que “institui a tribo, constrói, (...)”

⁴³Entenderemos como “Destino Manifesto”, a doutrina norte americana que expressava a crença de que o povo dos EUA fora eleito por Deus para comandar o mundo, dominar “*the last frontier*”, espalhar os valores norte americanos, ditos civilizatórios e democráticos.

⁴⁴FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976)*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 15.

⁴⁵Ibidem. p. 15.

⁴⁶Ver: Clausewitz, “Sobre a Guerra”.

⁴⁷PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 168.

⁴⁸RODRIGUES, Thiago Moreira de Souza. *Guerra e política nas relações internacionais*. (Tese de Doutorado). São Paulo: PUC-SP, 2008. p. 15.

⁴⁹COLOMBO, Eduardo. *Análise do Estado: O Estado como paradigma de poder*. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário-Nu-Sol, 2001. p. 78.

uma identidade viril e combatente destinada a sedimentar o grupo, a reforçar sua homogeneidade, a fazer surgir uma gangue, um povo, um Estado⁵⁰”. Os projetos audaciosos dos planos de uma “Grande Sérvia” ou de uma “Grande Albânia” proporcionaram um intenso e constante banho de sangue, uma pulsão de ódio frequente e cotidiana na região do Kosovo, resultante de uma perigosa combinação de violências subjetivas, estruturais e, sobretudo culturais.

Violências: Diretas, Estruturais e Culturais

A análise de violência é feita basicamente utilizando o “triângulo” do teórico Galtung, nele, a violência é classificada, para que assim seja possível realizar a distinção entre violência direta, estrutural e cultural. Todas essas distinções são importantes para os estudos de paz, sobretudo, no âmbito das “novas guerras”. Com a multiplicidade de atores e agentes envolvidos nos conflitos, como na Guerra do Kosovo, a violência é vista de forma multifacetada.

Na Guerra do Kosovo, a espiral de violência é extremamente interligada com todos os campos da sociedade, ela é cultural e extremamente política, é uma forma de conseguir mais poder ou realizar a manutenção do mesmo. A escalada por poder pode ser vista tanto pelas intenções sérvias de hegemonia local através da limpeza étnica, como pelo desfecho que garantiu o comando albanês do Kosovo e até mesmo pela operação da OTAN, que veio a conferir uma maior credibilidade à aliança, especialmente aos Estados Unidos.

Sob esta perspectiva, tanto de novas guerras, quanto de poder-violência isso fica explicitado na própria configuração do conflito, onde:

“In these wars, violence is itself a form of political mobilisation. Violence is mainly directed against civilians and not another army. The aim is to capture territory through political control rather than military success. And political control is maintained through terror, through expulsion or elimination of those who challenge political control, especially those with a different label. Population displacement, massacres, widespread atrocities are not just side effects of war; they are a deliberate strategy for political control. The tactic is to sow the ‘fear and hate’ on which exclusive identity claims rest.” (KALDOR, 2000, p. 5)

⁵⁰CRETTEZ, Xavier. *As Formas da Violência*. São Paulo: Loyola, 2011. p.17.

Infelizmente o quadro indiscriminado e violento foi, e é, essencial para o desenrolar do conflito, que por trás de uma janela de disputa étnica encobre interesses mais amplos e perigosos, é neste cenário também que a violência torna-se sinônimo de rentabilidade.

Quando, especialmente, em situação de guerra total, ou conflito declarado existe o impulso inicial de uma análise simples, já que “os sinais mais evidentes de violência que nos vêm à mente são atos de crime e terror, confrontos civis, conflitos internacionais”⁵¹, que parecem ser suficientes para o entendimento do quadro de violência, contudo, é essencial uma análise mais minuciosa, “dar um passo para trás” para que se possa ter a dimensão da violência subjetiva, na qual os atos são mais facilmente identificáveis por serem diretos.

A violência direta é aquela na qual existe uma clara relação entre o objeto e a manifestação, entre o sujeito e o ato. É uma ação evidente, rápida, a concretização de uma pulsão de cólera, de ódio e no caso, de vingança. Concretiza-se fisicamente e psicologicamente, ela “atinge os seres humanos, em resultado da ação de outros”⁵². Na guerra do Kosovo, foi vista tanto nos atos de limpeza étnica, massacres, terror e abusos ao campo da violência ideológica, com as constantes atitudes de incitação ao ódio e discriminação.

Por outro lado, de forma silenciosa, com um ciclo longo, a violência estrutural é de uma percepção um tanto mais difícil. Resultado de um sistema de opressões e de estruturas repressivas ela atua de forma indireta, a violência estrutural é inerente de um sistema, é composta “também das formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e de exploração, incluindo a ameaça de violência”⁵³. Segundo Galtung, a violência estrutural pode ser considerada um “fenômeno invisível”, ela é manifesta através da “repressão dos desejos individuais e coletivos, sobretudo quando

⁵¹ ZIZEK, Slavoj. *Violência: Seis reflexões laterais*. Tradução: Miguel Serras. São Paulo: Boitempo, 2014. p.17.

⁵² MOURA, Tatiana. *Novíssimas Guerras: espaços, identidades e espirais da violência armada*. Coimbra: Almedina, 2010. p.20

⁵³ ZIZEK, Slavoj. *Violência: Seis reflexões laterais*. Tradução: Miguel Serras. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 23.

legitimada culturalmente”⁵⁴ é quando então, “favorece manifestações de violência diretas, especialmente visíveis”⁵⁵.

Por fim, no último ponto do triângulo de violências de Galtung, temos a violência cultural. Na guerra do Kosovo esta foi amplamente utilizada, tendo em vista naturalizar as ações violentas, tentar fazer com que as violências diretas e estruturais fossem justificadas, fazer com que fossem consideradas corretas – tal uso pode ser considerado bem sucedido. A violência cultural faz com que as massas percam seu poder de contestação perante os atos violentos, o que visivelmente sai da normalidade torna-se normal, natural, o ódio ao adversário legitima-se para os inseridos no contexto.

Com a violência cultural justifica-se a barbárie, para os kosovares, sejam os albaneses ou sérvios é normal, é cultural nutrir o ódio e dar vazão a esta pulsão. São os adversários que desconhecem os limites, que beiram a barbárie. Neste quadro, de múltiplas relações e aspectos “convém não subestimar a importância do ambiente cultural que, mais ainda, oferece aos violentos um quadro de legitimação de seus atos que pode às vezes chegar a tornar totalmente natural o exercício da violência”⁵⁶. Uma limpeza étnica e um possível genocídio foi justificado por essa construção cultural, e em resposta, hoje e nos últimos anos uma vingança albanesa corre pelas mesmas vias de justificativa. Uma matança sem fim que alimenta e é fator crucial para a sobrevivência e manutenção dos sistemas e políticas de guerra.

Guerra e Virilidade⁵⁷

Um dos pontos críticos na situação de conflitos armados, no exacerbo de violência é a manutenção dos seus sistemas, militarismo e capitalismo seguem em avanço, e com eles também o patriarcado. Infelizmente, o conflito do Kosovo foi mais um dos tantos outros que demonstrou de forma cruel a lógica binária do sistema de guerra. Foi mais uma de muitas guerras que serviu para além de todos os interesses confirmarem seu caráter sexuado e de constantes demonstrações de virilidade.

⁵⁴ CRETTEZ, Xavier. *As Formas da Violência*. São Paulo: Loyola, 2011. p.13

⁵⁵ *Ibidem*. p. 15

⁵⁶ *Ibidem*. p. 38.

⁵⁷ Virilidade é um conceito criado na antiguidade e faz referência a dominação masculina, segundo Bourdieu (2012, p. 64): “A virilidade como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.”

A violência também se encaixa nessa lógica presente na relação de dominador-dominado, é o constante ato de “afirmar diante dos demais sua virilidade pela verdade de sua violência”⁵⁸. É neste ponto que a oxigenação da teoria, o percorrer por caminhos considerados “marginais” é essencial para uma análise séria dos conflitos e das violências que existem em espiral e em perpetuação,

“a análise feminista sobre a guerra passa por denunciar os elementos ideológicos subjacentes à guerra como sendo dependentes de uma hierarquia sexual de valores, que justifica a tradicional divisão sexual do trabalho na guerra e ajuda a legitimar a guerra. Ou seja, a hegemonia pressupõe a manutenção do poder, que por sua vez pressupõe a naturalização e a normalidade das relações de poder.” (MOURA, 2010, p. 90)

Uma situação de conflito armado é mais uma que serve para tentativas e mais tentativas de naturalizar as violências, de tornar aceitáveis comportamentos que fogem do saudável, que violam os seres. Na guerra do Kosovo a necessidade constante de afirmação masculina foi extremamente presente, mesmo no ano de 1999 as dualidades de homem-mulher no sistema de guerra mantiveram-se firme, não houve uma quebra na lógica, o que dá espaço para uma continuidade onde “*violence produces and defines gender identities and, in turn, is produced and defined by them*”⁵⁹.

O número de mulheres presentes no conflito, como guerrilheiras, membros das forças armadas ou até mesmo das unidades paramilitares é insignificante, a guerra do Kosovo foi mais um dos conflitos em que as mulheres não tiveram protagonismo algum, objetificadas deviam apenas ser “protegidas” pelos homens. Os homens formaram corpo da grande máquina de morte, inclusive “durante o estado de guerra, homens entre dezoito e sessenta anos estavam proibidos de deixar a Iugoslávia”⁶⁰, em outras palavras, a máquina seria obrigatoriamente alimentada e a dominação perpetuada.

⁵⁸ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Gustavo Sora. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 66.

⁵⁹ CONFORTINI, Catia C. Galtung. *Violence, and Gender: The Case for a Peace Studies/Feminism Alliance*. Em: *Peace & Change*, Vol. 31, No. 3, 2006. p.1.

⁶⁰ ALENCAR, Kennedy. *Kosovo: A guerra dos covardes*. São Paulo: DBA, 1999. p. 33.

MULHERES, CONFLITO E VIOLÊNCIA

“Isso quer dizer que meu corpo será sempre fonte de dor? NÃO, NÃO, NÃO!”

(I like fucking - Bikini Kill)

A situação das mulheres em relação à violência já é extremamente complicada, oprimidas sistematicamente no cotidiano patriarcal, esse quadro só se agrava em situações de conflitos armados. A guerra do Kosovo foi uma amostra recente do potencial violento e sua ação sobre as mulheres. Além de sofrerem com o quadro de guerra total e a crise econômica a situação de vulnerabilidade feminina cresceu exponencialmente, muito em decorrência as atrocidades presentes no próprio quadro de conflito, mas também pela escalada do crime e situações de descolamento e refúgio.

Em toda a Iugoslávia da década de 90 as mulheres foram cruelmente violentadas, em nome dos ideais separatistas e obscuros envolvidos nas guerras. A região do Kosovo, em especial, teve indicadores preocupantes em relação à situação das mulheres durante o conflito, e também no seu imediato “fim”. Tanto os índices de estupros e abusos, quanto os de exploração sexual se revelaram altíssimos, e indo além, é perceptível a manutenção das agressões de natureza sexual que remontam as antigas civilizações.

Sabe-se que a tendência à brutalização das mulheres é persistente em quadro de conflitos armados, “durante toda a história da qual há registros, as mulheres foram vítimas de violência sexual”⁶¹ e na Guerra do Kosovo, infelizmente, o quadro não foi diferente. A violência sexual foi presente e praticada por todos os agentes de violência do conflito, mas ficou evidenciado “a utilização sistemática da agressão sexual como instrumento de limpeza étnica por parte dos sérvios”⁶².

A deplorável situação das mulheres kosovares só se desenvolveu graças ao patriarcado, e esta série de imposições sustentadas pelo sistema que favorece e engrandece a dominação masculina. É com base nessa

⁶¹ TESCARI, Adriana Sader. *Violência Sexual contra a mulher em situação de conflito armado*. Porto Alegre: SAFE FABRIS, 2005. p.37.

⁶² *Ibidem*. p.54.

“observação de que um dos fatores estruturais e culturais das violências é o sistema patriarcal, e partindo da análise concreta das violências sofridas pelas mulheres, as feministas estabelecem um *continuum* ou permanência entre as várias práticas de violência e injustiças existentes.” (SANTOS, 2011, p. 7)

Neste cenário, o papel do patriarcado no Kosovo fica mais evidenciado do que em seus vizinhos da segregada Iugoslávia. A construção histórica monopolizada religiosamente pelo islamismo e católicos ortodoxos conferia uma hierarquização ainda maior, o que acabava por naturalizar as relações de poder válidas que atravessam “vários aspectos da vida em sociedade, não se limitando aos períodos de conflitos violentos que tem na guerra sua expressão mais radical”⁶³.

Essas violências, além de fazerem parte de uma estrutura perpetuada, fazem parte também do que podemos chamar de “sistema de guerra”, ou seja, uma série de estruturas e práticas de dominação, que de forma dura

“traduz-se numa ordem social competitiva, baseada em princípios autoritários, que pressupõe um valor desigual entre seres humanos, que é colocada em prática através da força coerciva, que institucionaliza a dominação masculina em estruturas verticais, e que é legitimada pela cultura.” (MOURA, 2004, p. 84).

Em situação de conflito armado as mulheres são fortemente penalizadas por conta do “sistema de guerra”. Sua visibilidade é reduzida, seu papel é apresentado principalmente como o de vítima, e na guerra do Kosovo também como a de “inimigo”, e então visto como objetos passíveis de um direito de conquista. É durante os conflitos que as desigualdades de gênero se exacerbam, a comunidade inteira sofre os impactos, porém, as mulheres e crianças são as primeiras a sentirem os efeitos do terror, perda e violação dos direitos que se revelam como a “ponta do iceberg”.

Durante e no pós guerra do Kosovo, foi possível observar um leque de violações e abusos que trabalham na manutenção do sistema de dominação. Os frequentes estupros, abusos em campos de refugiados e também por forças ditas de “peacebuilders” podem ser citados como algumas das barbaridades que tem reflexo imediato e

⁶³ SANTOS, Rita. *Perspectivas Feministas e pensamentos sobre e para a paz: (Re)Conhecer as violências e resgatas as pazes*. Coimbra: Oficina do CES n. 363, 2011. p. 9.

consequências de curto, médio e longo prazo. A seguir analisaremos as violências que contribuíram para a manutenção destas estruturas.

Estupros⁶⁴: armas de guerra⁶⁵

Historicamente os estupros são utilizados como armas de guerra, e seus objetivos são variáveis – desde a consagração de vitória e um consequente golpe irreparável na honra do inimigo até mesmo espólio de guerra. No caso do Kosovo além de um propagador do medo, os estupros foram amplamente utilizados com fins de limpeza étnica, “sobrepor” o sangue do homem sérvio, fazer com que o “ventre inimigo” gerasse crianças sérvias.

A *Human Rights Watch* foi uma das organizações mais presentes e ativas no combate e suporte as vítimas e em seu relatório principal sobre o tema, divulgado em 2000 pela *Women's Rights Division*, existem relatos e constatações acerca das motivações, que além do uso deliberado do sexo como um instrumento para aterrorizar a população, servia também para extorquir dinheiro das famílias das vítimas, e fazer com que os albaneses abandonassem seus lares em decorrência do terror.

A atuação era dada principalmente por *gangs* ou duplas, e eram marcadas por violência desmedida. A abordagem criminosa era extremamente intensa, o que garantia às vítimas ferimentos gravíssimos, já que em geral, os estupros eram acompanhados de espancamentos e outras agressões. Na maioria dos casos as vítimas relataram serem submetidas à múltiplos estupros e também mutilações. Ao lado da questão física as consequências psicológicas também se apresentam como gravíssimas: estresse pós-traumáticos, depressão e em parte dos casos foram relatados inclusive suicídios. A dor da vítima não cessa.

Os casos foram timidamente relatados, devido diversos fatores, tanto em decorrência de o controle ser feito pelos órgãos governamentais, estes participantes na limpeza étnica, e também pelo alto número de mulheres que sequer denunciaram as violações – o controle realizado não era efetivo. Os números apresentados que corresponde ao período anterior a campanha dos bombardeios aéreos por parte da OTAN, a *Human Rights Watch*, é contabilizado em 96 casos de estupros de mulheres albanesas, todas delatando o crime cometido, onde:

⁶⁴ Como definição para estupro, temos, segundo Tescari (2005): ato de invasão física de natureza sexual, cometida por uma pessoa em circunstâncias coercivas, como exposto pela câmara de julgamento do Tribunal *ad hoc* para Ruanda, com objetivos de haver um consenso no Direito Internacional.

⁶⁵ A Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas de número 1820 de 2008 reconhece a violência sexual como arma, o que em tese facilita os julgamentos, sobretudo, em situação de conflito armado.

“the majority of rape cases were evidently committed by Serbian paramilitaries, who wore various uniforms and often had bandanas, long knives, long hair, and beards. These paramilitary formations worked closely with official government forces, either the Serbian Ministry of Interior or the Yugoslav Army, throughout Kosovo. In several cases, victims and witnesses identified the perpetrators as Serbian special police, in blue or blue camouflage uniforms, or Yugoslav Army soldiers, in green military uniforms. Several rape victims actually reported the crimes to Yugoslav military officers.”

As estatísticas acerca do número de mulheres que sofreram estupros durante o conflito “é estimado pelo *World Health Organisation* e pelo Centro Norte Americano Para Controle de Doenças que mais de 20.000 mulheres kosovares (4,4% da população) foram estupradas nos dois anos iniciais a da ocupação das forças da OTAN no território”⁶⁶. Assim como os números pré-campanha da OTAN, os mesmos ainda são incertos, devido a falta de controle e abstenção de denúncias.

No Kosovo, assim como na Bósnia, durante o conflito os estupros aconteciam majoritariamente em três ambientes: nas residências albanesas, em estradas durante as tentativas de fuga e em situações de detenção. Na primeira situação as mulheres eram estupradas em suas próprias casas, na maioria das vezes em frente a própria família, como relata Ahmeti, descrevendo que estes casos estariam intimamente ligados a poder e controle, humilhação e vingança, afinal, o “*what better way to damage the enemy's morale than to hit at his family? Our society is a traditional one where Albanian men are brought up to see themselves as breadwinners and protectors*”⁶⁷. A segunda situação é mais relacionada as pessoas que já vinham sofrendo com uma situação de deslocamento interno e refúgio, estas pessoas eram interceptadas nas estradas por unidades da Polícia, do Exército Sérvio e unidades paramilitares, extorquiam as famílias, e quando não a família não podia oferecer a quantia solicitada suas filhas e esposas eram estupradas e separadas da família. A terceira categoria acontecia em centros de detenção, como casas abandonadas ou escolas esvaziadas.

⁶⁶ Tradução livre da autora para “*It is estimated by the World Health Organisation and the US-based Centre for Disease Control that as many as 20,000 Kosovar women (4.4 per cent of the population) were raped in the two years prior to Nato's forces entering the benighted territory*”, trecho do relatório disponível em: <<http://www.rense.com/general2/babies.htm>>

⁶⁷ Ahmeti, para a jornalista Helena Smith, em “*Rape victims' babies pay the price of war*”.

Assim como ocorrido na Bósnia, os sérvios estabeleceram alguns “campos de estupro”, cujo o objetivo era a gravidez forçada. A Human Rights Watch, disse em relatório, que infelizmente não pode confirmar as alegações da existencia de “campos de estupro”, porém, fortes indícios da existência de dois deles, um na cidade de Pec e outro em Djakovica. As mulheres que venceram os tabus e relataram seus abusos, contam que, eram estupradas repetidas vezes afim de engravidares, e mantidas em cativeiro “até o momento do nascimento da criança ou até o momento em que não fosse mais possível realizar um aborto”⁶⁸.

Além das denúncias de abusos cometidos por parte dos sérvios, após o início da campanha da OTAN, os números de casos de “vingança”, praticados por albaneses, guerrilheiros do ELK, o agente de violência e os atos de terror se revezavam, uma espiral constante. As cenas de crueldade passariam a ser vividas pelas sérvias que viviam na região do Kosovo, um dos relatos é feito por “um historiador cigano de Pristina (que) conta como sua casa foi incendiada, sua irmã estuprada e seu vizinho sequestrado por albaneses, enquanto parentes e amigos foram levados para câmaras de tortura do ELK, tudo com conhecimento das forças das KFOR”⁶⁹. Além dos estupros com uma motivação principalmente no que tange o âmbito étnico e de rivalidade do conflito, os abusos teriam um adicional preocupante: a OTAN e as K-FOR.

O número de denúncias por parte das K-FOR não pode ser desprezado. Mesmo mantendo um triste padrão de opressão para que não deem suas narrativas, mulheres kosovares, tanto sérvias como albanesas, relataram abusos por parte dos soldados que em tese estariam lá em nome de uma missão dita “humanitária”. Os homens da OTAN foram acusados tanto de dar “cobertura” à sérvios e albaneses para que a vingança se desse através da violação das mulheres, tanto cometendo os abusos. Os casos relatados foram fortemente “abafados”, e até hoje os estupros por parte dos soldados é assunto espinhoso, as K-FOR permanecem em território kosovar, e as violências não cessaram.

Fala-se em mais de 20.000 mulheres estupradas, mulheres que em sua absoluta maioria ficaram grávidas, pariram filhos do inimigo. Mulheres que foram violadas, torturadas e ainda sofreram com as consequências psicológicas e as sanções sociais –

⁶⁸ TESCARI, Adriana Sader. *Violência Sexual contra a mulher em situação de conflito armado*. Porto Alegre: SAFE FABRIS, 2005. p. 53.

⁶⁹ CHOMSKY, Noam. *Uma nova geração define o limite: os verdadeiros critérios das potências ocidentais para suas intervenções militares*. Tradução: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 153.

foram abandonadas por suas famílias e amigos. Sentenciadas a “viver em um inferno”, que infelizmente vai muito além do momento do abuso.

Tráfico de mulheres⁷⁰

Além dos milhares de casos de estupro relatados, a guerra do Kosovo e a intervenção da OTAN tiveram impactos violentos sobre as mulheres. Os impactos diretos e indiretos da guerra em relação ao tráfico sexual e as situações de prostituição forçada no Kosovo são reais, e demonstram a lógica das relações de dominação. Mulheres são reduzidas à objetos, tornam-se propriedades.

Essa lógica de pertencimento é uma característica estrutural, e no caso específico encontra o ato sexual como um legitimador, um elemento do sistema, é “(...)o ato sexual como uma relação de dominação. De modo geral, possuir sexualmente, como em francês *baiser* ou em inglês *to fuck*, é dominar no sentido de submeter a seu poder, mas significa também enganar, abusar ou, como nós dizemos, “possuir”⁷¹. Mulheres, tanto de etnia albanesa quanto sérvia passaram a ser “possuídas” pelas máfias, que viam na prostituição uma fonte infundável de lucro.

Em 1999, o Kosovo ganhou o infeliz topo do *ranking* dos países que originavam os maiores fluxos de tráfico de mulheres para o mercado do sexo – sem dúvidas a missão da OTAN foi um grande agravante para tal quadro. Com o início dos bombardeios o número de civis deslocados e em situação de refúgio cresceu consideravelmente, o que facilitou que os “desaparecimentos” de mulheres e garotas fossem mais frequentes. Os números apresentados pelo ACNUR indicam que a partir de março de 1999, até o final dito “oficial” do conflito, o número de refugiados (entre homens e mulheres), era algo em torno de 459.850 pessoas, espalhadas por toda a Europa.

Os bombardeios causaram impactos extremados na ordem e na segurança local, esses impactos tiveram imediatos na “criminalidade internacional organizada em torno a vinculações étnicas, particularmente albanesas, e que se manifesta no narcotráfico, no

⁷⁰ Tráfico é definido no Artigo 3 do Protocolo “*to Prevent, Suppress and Punish Trafficking in Persons, Especially Women and Children*” como o ato de recrutar, transferir pessoas com o uso ou ameaça ao uso de força ou outras formas de coerção, como fraude, abuso de poder ou da posição de vulnerabilidade da vítima, com o objetivo de exploração.

⁷¹ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Gustavo Sora. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 29.

contrabando de armas, na prostituição”⁷². A máfia albanesa passou a ser temida por toda a Europa, sobretudo na Itália, onde disputava com a máfia italiana os pontos de prostituição e o monopólio da exploração sexual.

Os dados ainda são incertos, de acordo com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha,

“1,613 persons from Kosovo are still reported missing and 350 are reported dead, but their bodies have not yet been found and identified. The organization gives no ethnic breakdown. According to the Association of Families of Kidnapped and Missing Persons in Kosovo and Metohija, 533 Serbs from Kosovo remain missing, 430 of whom disappeared after June 10, 1999.”

Assim como os dados relativos aos estupros, os números apresentam uma grande inconsistência, ao contrário dos valores “praticados no mercado”, no qual mulheres e garotas eram vendidas à partir de 50 euros, o valor comumente não ultrapassava 3.500 euros - um valor simbólico para um dano permanente.

A Paz Feminista

Com todos os quadros relatados na guerra do Kosovo, fica evidente, a necessidade da alteração dos paradigmas referentes às guerras. É mais do que necessário uma revisão que seja adequada aos novos problemas provenientes dos conflitos e das violências, é necessário que uma quebra na lógica dessas máquinas e sistemas seja efetiva. Os sistemas de guerra e o patriarcado são capazes apenas de perpetuar as desigualdades, hierarquias e situações de opressão presentes nas relações de poder.

Os posicionamentos e as metodologias predominantes nos estudos de conflitos, e das Relações Internacionais são “reflexo de uma visão predominantemente masculina, conotada com certo tipo de masculinidade e que precisam ser escrutinados de perto, de forma a suplantarem a noção, também ela dominante, de que são campos neutros em termos de construções de gênero”⁷³, e são essas mesmas visões e concepções “vigentes

⁷² FRANÇA, Paulo Roberto Caminha de Castilhos. *A Guerra do Kosovo, a OTAN e o conceito de “Intervenção Humanitária”*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 160.

⁷³ SANTOS, Rita. *Perspectivas Feministas e pensamentos sobre e para a paz: (Re)Conhecer as violências e resgatas as pazes*. Coimbra: Oficina do CES n. 363, 2011. p. 2.

de Estado, segurança e paz (que) surgem como expressões redutoras e perpetuadoras de uma ordem assente na desigualdade (e não na diferença) entre os sexos.”⁷⁴

As propostas feministas de paz vão em crítica à estas correntes, estatocêntricas e patriarcais, tem como partida a análise desses processos de atribuição de papéis sociais diferenciados com base no gênero e nas relações de poder, e que só trabalham em prol da consolidação dos mesmos, do fortalecimento de uma cultura de violência.

“Para o feminismo, ao invés, o paradigma de segurança estatocêntrico não só pressupõe a eliminação da violência como a eterniza já que sua (...) hiperconcentração na segurança entre Estados põe entre parêntesis a insegurança inter-pessoal, que se reforça e perpetua de acordo com padrões culturais enraizados.” (MOURA, 2010, p. 82)

A ruptura desses padrões opressores é essencial, a agenda de discussões precisa ser urgentemente revista, as pautas definidas de acordo com as novas demandas (e as antigas, que permanecem silenciadas). O paradigma estatocêntrico é somente o combustível para as máquinas de guerra, as situações sistemáticas que clamam pela manutenção e ampliação militarista, e que potencializam desigualdades e novas fontes de insegurança e violências, como afirma Goldman, “a ordem derivada da submissão e conservada pelo terror não é uma garantia tão segura; embora esta seja a única “ordem” que o governo é capaz de conservar”⁷⁵, e não é desta ordem que precisamos.

⁷⁴ Ibidem. p. 2.

⁷⁵ GOLDMAN, Emma. *A anarquia e a questão do sexo & outros escritos*. Tradução: José Paulo Neto. Recife: Difusão Libertária, 2014. p. 34.

CONCLUSÃO

Não restam dúvidas, a Guerra do Kosovo é uma grande mancha de sangue na história da humanidade. O conflito ainda se arrasta, não existe um desfecho, e muito menos um final feliz, vítimas continuam sendo feitas, a rivalidade entre sérvios e albaneses parece não ter fim, assim como a vontade policialesca norte americana de vigiar o mundo “livre”. O panorama é bem negativo, ao que parece, a manutenção do quadro é um ponto de persistência das desigualdades e estruturas opressoras.

O conflito étnico é persistente, é de um caráter cultural, as violências envolvidas foram passo a passo naturalizadas, o que facilita a manutenção do mesmo, assim como a busca ambiciosa dos adversários pela construção de “Grandes” nações. O plano de fundo, o pretexto ideal para o desenrolar da guerra foi sem dúvidas esse apelo radical nacionalista, a demonização do “outro” – combustível e legitimador da matança e das violações dos Direitos Humanos.

A guerra do Kosovo se destaca nos meios dos outros conflitos que eclodiram na década de noventa, principalmente pela sua multiplicidade de seus agentes de violência e atores envolvidos. Pouco a pouco, e dando um “passo para trás” é possível fazer a identificação de seus atores, analisar os pontos de interesse ao travarem um conflito com dimensões tão relevantes no cenário internacional.

A multiplicidade de agentes conferiu a Guerra do Kosovo que os métodos de “combate” fossem bem assimétricos. Seus três agentes principais tinham atuações muito diferentes, esta assimetria tornou-se um ponto característico no conflito – é evidente que as táticas de guerrilha, uma limpeza étnica e um bombardeio aéreo de alto poder destrutivo resultariam em um saldo negativo e danoso aos civis e a estrutura da região.

Os agentes de violência conferiram ao conflito um alto índices de práticas violentas, não havia um limite ético, as violações dos Direitos Humanos ocorreu “à torto e a direita”, e neste quadro as mulheres sofreram com os acréscimos de violência frutos do sistema de guerra e do caráter sexuado que é mantido. A manutenção e escalada de violências só foi viabilizada graças a lógica dos sistemas envolvidos, que garantem a situação hierarquizada das relações de poder, assim como a lógica binária de dominadores e dominados.

As mulheres, que oprimidas em seu cotidiano por conta das estruturas patriarcais foram potencialmente prejudicadas com a explosão do conflito ainda hoje vivem os reflexos. O número de ONG’s e Orgãos Interestatais que tem atuação no Kosovo com

referência a causa é positivamente representativo, contudo, ainda caminham com dificuldades no que tange as desconstruções que intencionam fazer. Os tabus na sociedade kosovar não serão facilmente desfeitos, a construção cultural é uma grande barreira.

Mostra-se mais do que necessária a adoção de novas políticas e práticas que tenham como objetivo a ruptura de paradigmas. As reforma (ou extinção) dos sistemas vigentes é essencial, porém revela-se como distante. Infelizmente a manutenção e o desenvolvimento cíclico dos mesmos garante a sobrevivência dessas relações de poder desiguais, opressoras e violentas.

REFERÊNCIAS

ARENT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

AUSTRALIAN GOVERNMENT, Refugee Review Tribunal. *Serbia – Serbian Volunteer Guard – Arkan's Tigers – International Criminal Tribunal for the Former Yugoslavia – War Crimes – Organised Crime*. Adelaide, 2010.

ALENCAR, Kennedy. *Kosovo: A guerra dos covardes*. São Paulo: DBA, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Gustavo Sora. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRENER, Jayme. *Os Bálcãs: história e crise*. São Paulo: Ática, 1996.

CHOMSKY, Noam. *Uma nova geração define o limite: os verdadeiros critérios das potências ocidentais para suas intervenções militares*. Tradução: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COLOMBO, Eduardo. *Análise do Estado: O Estado como paradigma de poder*. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário-Nu-Sol, 2001.

CONFORTINI, Catia C. *Galtung, Violence, and Gender: The Case for a Peace Studies/Feminism Alliance*. Em: *Peace & Change*, Vol. 31, No. 3, 2006.

CRETTEZ, Xavier. *As Formas da Violência*. São Paulo: Loyola, 2011.

DIVISION DE NOTICIAS Y DE MEDIOS DE COMUNICACIÓN. *ABC de las Naciones Unidas*. Nueva York: Naciones Unidas, 2006.

FERSTMAN, Carla. *Criminalizing Sexual Exploitation and Abuse by Peacekeepers*. Washington DC: United States Institute of Peace, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976)*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução: Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANÇA, Paulo Roberto Caminha de Castilhos. *A Guerra do Kosovo, a OTAN e o conceito de “Intervenção Humanitária”*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

GALTUNG, Johan. *Violence, Peace and Peace Research*. Oslo: International Peace Research, 1969.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.

GODEC, Samantha. *Between rhetoric and reality: exploring the impact of military humanitarian intervention upon sexual violence – post-conflict sex trafficking in Kosovo*. Em: *International Review of the Red Cross*, Vol. 92, N. 877, 2010.

GOLDMAN, Emma. *A anarquia e a questão do sexo & outros escritos*. Tradução: José Paulo Neto. Recife: Difusão Libertária, 2014.

_____. *O Indivíduo, a Sociedade e o Estado, e outros ensaios*. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2007.

GOVIER, Trudy. *Violence, Nonviolence, and Definitions: A Dilemma for Peace Studies*. Em: *The Canadian Journal of Peace and Conflict Studies*, Vol. 40, N. 2, 2008.

HUNTINGTON, Samuel P. *Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Tradução: M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

JOYEUX, Maurice. *Reflexões sobre a anarquia*. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2014.

JUDAH, Tim. *Kosovo: war and revenge*. New Haven: Yale University Press, 2000.

KALDOR, Mary. *Cosmopolitanism and organised violence*. London: Centre for the Study of Global Governance, 2000.

LACI, Elton. *Kosovo after Independence - Prospects for the Integration into the EU*. (Phd Thesis). Brno: Masaryk University, 2009.

MALCOLM, Noel. *Kosovo: a short story*. Nova York: New York University Press, 1999.

MASONI, Melissa. *O Feminismo e sua contribuição para as Relações Internacionais*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Rio de Janeiro: Centro Universitário Metodista, 2013.

MONTANARO, Lucia. *The Kosovo Statebuilding Conundrum: Addressing Fragility in a Contested State*. Madrid: Fride, 2009.

MOURA, Tatiana. *Novíssimas Guerras: espaços, identidades e espirais da violência armada*. Coimbra: Almedina, 2010.

NÚCLEO DE ESTUDOS PARA A PAZ DO CES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. *Mulheres e Violências – A invisibilidade feminina em contexto de violência armada*. Coimbra: IMFV, 2007.

PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Segurança, Confiança e Tolerância - Comandos na Sociedade de Controle. Em: São Paulo em Perspectiva, Vol. 18, 2004.

_____. *Sociedade de Controle e Abolição da Punição*. Em: São Paulo em Perspectiva, Vol. 13, 1999.

PRICHARD, Alex. *The International Political Theory of Pierre-Joseph Proudhon*. (Draft Form Research). Loughborough University.

ROCHA, Amanda Gomes. *A legalidade da intervenção da OTAN na guerra do Kosovo*. (Trabalho de Conclusão de Curso). São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2013.

RODRIGUES, Marlene. *Corpo, Sexualidade e Violência Sexual*. Lisboa: CPIHTS VERAS, 2007.

RODRIGUES, Thiago Moreira de Souza. *Guerra e política nas relações internacionais*. (Tese de Doutorado). São Paulo: PUC-SP, 2008.

SANTOS, Rita. *Perspectivas Feministas e pensamentos sobre e para a paz: (Re)Conhecer as violências e resgatas as pazes*. Coimbra: Oficina do CES n. 363, 2011.

STRACHAN, Hew. *Sobre a Guerra – Uma biografia*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

UETA, Andres Sei Ichi. *Intervenções Humanitárias: um debate introdutório sobre as críticas e sobre as justificativas morais*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FFLCH-USP, 2006.

TESCARI, Adriana Sader. *Violência Sexual contra a mulher em situação de conflito armado*. Porto Alegre: SAFE FABRIS, 2005.

ZIZEK, Slavoj. *Violência: Seis reflexões laterais*. Tradução: Miguel Serras. São Paulo: Boitempo, 2014.

WOODCOCK, George. *Os Grandes Escritos Anarquistas*. Tradução: Júlia Tettamanzi e Betina Becker. Porto Alegre: L&PM, 1981.